



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 7 de Maio de 1977 * Ano XXXIV — N.º 865 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes. pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

Uma CARTA

«Não conheço directamente nem bem a Obra da Rua. No entanto, a simples observação e o testemunho de pessoas amigas convencem-me de que é uma Obra que vale a pena.

Uma das coisas que mais aprecio na vossa Obra é o espírito democrático e trabalhador que aí se forma. Oxalá que ele ajude a cimentar a própria democracia política.

Envio um pequeno contributo material, fruto de trabalho extraordinário de há meses atrás. Peço que não divulguem o meu nome.

Saudações amigas.»

Nem é tão pequeno o «pequeno contributo material», que tem ainda a valorizá-lo o ser «fruto de trabalho extraordinário! Segundo os ventos dominantes, trabalho extraordinário — que não cabe nas desejadas cada vez menos horas de trabalho e na prodigalidade de feriados — ou não é preciso e não se faz, ou se aceita em vista de qualquer regalo que o trabalho ordinário não permite. No caso não é assim: o

trabalho fez-se e serviu para repartir.

De resto o teor da carta denota a presença de um trabalhador. Não sabemos em que se ocupa, mas revela-se-nos um amante do trabalho, um confiante na estabilidade que ele, e só ele, alicerça: «aprecio na vossa Obra o espírito democrático e trabalhador que aí se forma. Oxalá que ele ajude a cimentar a própria democracia política».

Neste voto coincidimos perfeitamente. Nós acreditamos sumamente no trabalho e entendemos democracia como um sacrifício de todos à sociedade, para que cada homem goze maximamente dos seus direitos.

A posse da Terra que Deus intimou ao primeiro homem é conseguida com suor. Para uma sã democracia tem de haver de cada um o maior investimento possível, para que a colheita possa ser próspera para todos.

Infelizmente o ambiente reinante nada nos tem favorecido na formação «do espírito democrático e trabalhador» dos nossos adolescentes. Somente nos tem ajudado a compreender as suas dificuldades, tão naturais nos verdes anos por que passam; e a respeitar o

Cont. na TERCEIRA pág.

Tribuna de Coimbra

Tem sete anos, uns olhos pretos, de encanto e cabelos ondulados, a fazer um corpito de perfeição. Geralmente sorri quando me vem dar um beijo e me diz: «Bom dia sr. padre». Olha-me e fica junto de mim à espera que eu retribua o seu carinho.

Muitas vezes tenho procurado o porquê daqueles olhos de esperança e tenho indagado o motivo por que o tivemos de receber em nossa Casa. O pai já cá veio com uns tios. Homem caído, a respirar vida morta; vida morta por atropelos que não sei dizer. Os tios reflectem equilíbrio humano e amor familiar.

Ontem veio a mãe. Trazia outro homem e outros filhos. Fez teatro de amor quando viu o filho. Vestia de boneca e boneca me pareceu e tem sido na vida dos homens que tem servido. Quis dizer ao filho que aquele homem era o pai. Fiquei a olhar tristemente, de longe, o encontro. Os pais são pais e normalmente o manifestam. Os amantes são amantes. Não houve um beijo.

À tarde veio um casal de Leiria visitar-nos. Apareceu o pequenito e foi ele o cicerone. Disse àquele casal amigo que a mãe o tinha vindo ver. Disse muitas e muitas coisas dos enganos da mãe e dos homens com que a mãe quer enganar

Continua na QUARTA página

PATRIMÓNIO DOS POBRES

O derradeiro AGORA, saído dois números atrás, acalentou um pouco a presença dos leitores mas não tanto quanto é preciso. Juntam-se os Auto-construtores. Sob o preço de tudo. Cada vez nos envergonhamos mais da exiguidade da nossa ajuda, para podermos repartir com um maior número. Da nossa parte, vamos com os peditórios e as capas das Festas. Irá nos três centos... Mas que é isto?!

Alguns Párcos, compreensivos das dificuldades do tempo, confessam-se tímidos em aparecer: «Há bastante tempo que não lhe bato à porta e sempre que o possa evitar, fá-lo-ei. Não significa isto que os Auto-construtores estejam parados.

É certo que se encontram as tais dificuldades e morosidade em que fala «O Gaiato». Mas vai-se fazendo o que se pode e procura-se superar toda esta engrenagem burocrática enferujada!»

É verdade. Cantigas e loas não lograram lubrificar os gonzos de D. Burocracia. Range-se muito e adianta-se pouco, mormente no dar a mão aos Pobres. «E ele é tão fácil dar a mão» — dizia Pai Américo de uma vez no Coliseu do Porto. «O nosso Povo diz tão bem: O meu senhor dê-me a sua mão... E não é preciso que cada um perca o que é seu, para que todos fi-

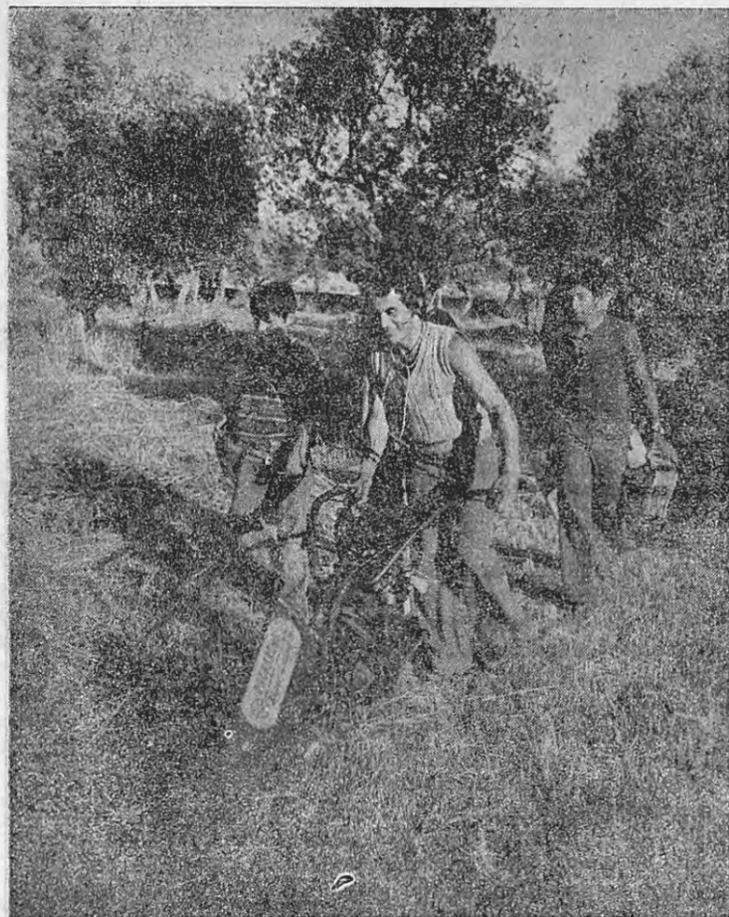
quem remediados». E assim. Nós sabemos-lo por experiência. A quantas famílias temos dado a mão e elas remedeiam-se. E nem por isso a mão está gasta ou incapaz de voltar a dar-se.

Eu queria dizer a este Pároco e a outros que, como ele, se trigam de aparecer, que batam sempre à porta. Se não tivermos a mão tão cheia quanto era necessário, o dá-la com o que há é já por si uma força que permite agir fazendo o que se pode e superar toda esta engrenagem...»

Uma outra carta, de outro Pároco, que reflecte um outro aspecto que frequentemente aflige os Pobres, a braços com o problema da sua habitação. Ouçamos e meditemos. Até pode acontecer que surja medicinal reacção:

«Os outros trazem-me à sua presença. É uma casita de Pobres. Foram postos na rua por meios um tanto escuros. Resolveram fazer uma barraca de tábuas, mas foram demovidos desta ideia. Compraram terreno com um pé-de-meia que tinham, mas ficaram a dever um ror de contos. Agora a casa, de blocos, coberta a lusalite, com quatro quartos, cozinha e sala levantada no meio dos pinheiros. O pior é que devem

Cont. na QUARTA pág.



Nós acreditamos sumamente no trabalho e entendemos democracia como um sacrifício de todos à sociedade.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Aquela vendedeira ambulante a que nos referimos na edição de 9 de Abril p. p., já nem tinha recursos para se alimentar. Definhada, morria de pé!

O médico, apesar de tudo, recomenda uma alimentação *adubada*. Batemos ainda à porta do talho, de mãos dadas aos nossos leitores. «Enquanto a tensão arterial for normal, coma um bifinho...» — disse-lhe o médico.

Não nos calamos pelo impasse de que esta mulher é vítima. Escrevemos ao Ministro dos Assuntos Sociais. Os Ministros precisam de saber todas as carências.

Ela expediu, em Outubro de 1975, para a Caixa de Previdência, uma remessa de sete contos e tal por intermédio da Caixa Geral de Depósitos, contribuições necessárias para ser deferido o requerimento da pensão. O certo é que não se justifica, neste País de absurdos, que, de Outubro de 1975 até agora, a pobre mulher só haja recebido — pela documentação em seu poder e que seguiu para o Ministro, fotocopiada — um officio estereotipado indicando o seu número de beneficiária!

Aguardamos notícias do senhor Ministro.

Já que andamos pelas cúpulas, não fomos lá muito felizes no caso de uma Viúva — interessada na pensão de sobrevivência — cujo marido foi serventário dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade do Porto, de Julho de 1960 a Dezembro de 1969.

Subimos ao arranha-céus na impossibilidade de uma solução ao rés-do-chão. Mas... Adiante!

O Director-Geral da Acção Regional dá resposta:

«Reportando-me à carta que dirigiu a S. Ex.ª o Ministro da Administração Interna, junto remeto fotocópia da informação prestada sobre o assunto, pelos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade do Porto.»

Teor da informação:

«Devolvendo o anexo expediente, registado nessa Ex.ª Câmara (Municipal do Porto) sob o n.º 1867, de 23 de Fevereiro findo, informamos que estes Serviços nunca concederam, nem concedem, pensões de sobrevivência, motivo por que não é possível satisfazer o que nos é solicitado pela viúva do nosso ex-serventário Justino Ferreira.»

Isso já nós sabíamos!

Em que ficamos? Para onde vamos?!...

PARTILHA — Da Rua Rodrigues Cabrilho, Lisboa, 200\$00 «sufragando as almas de meus Pais». Metade de um amigo do Padre Abraão. «Uma Alentejana», residente no Porto — e que apareço aqui, lá de vez em quando — manda 300\$00 por uma intenção já cumprida. «Para juntar a outras "migalhas", 100\$00 da Rua de Santo Ildefonso, Porto. Como a caridade é universal — e procurando seguir os passos de um velho Amigo que Deus tem — a gente deixa ficar,

pela mão de um vicentino, algures nessa mesma rua, 500\$00 por mês.

Alcanena:

«Envio um vale de correio de 50\$ para os vossos Pobres.»

É meu desejo que não publiquem o meu nome na «proclamação». Pode vir apenas com as iniciais M.L. para eu saber que se não perdeu no caminho.

Tenho imensa pena de não poder acrescentar mais dois zeros, mas tenho muitas dificuldades.»

Oliveira do Douro, assinante 9790, presente com 500\$00 — e o «anonimato habitual» — para aplicarmos da maneira mais conveniente. Uma oferta oportuníssima da Praça da República, Mafra.

Nos últimos dias, três Auto-construtores solicitaram a telha para as suas novas moradias — levantadas com sangue, suor e lágrimas. Um deles, tão aflito com a burocracia, foi, já noite dentro, buscar-nos a casa para lhe darmos a mão. Ora, só para os Auto-Construtores que esperam telha são nove contos. Não haverá, por aí, um valente que supra?

Nos últimos anos, não temos sacrificado a bolsa do Património dos Pobres.

Júlio Mendes

Calvário

AINDA AS GRIPES — Foi já aqui referida a fortíssima vaga de gripe que sofremos no Calvário. Raras foram as pessoas, entre mulheres e homens, que escaparam à epidemia!

Na altura em que escrevo estes apontamentos ainda há alguns sintomas, mas estamos em crer que os males e marcas de gripe estarão sanados. Mas creio bem que o cansaço de quem se aguentou em tais circunstâncias levará seu tempo a extinguir-se. E o número de cireneus é bem limitado. E tudo parece esgotado. Até os termómetros se esgotaram! Ainda hoje me apareceu uma pessoa com um já ligado com adesivo!

Por isto ou por aquilo o certo é que quantos aqui haviam se esgotaram e deixaram de prestar ajuda no controle das febres! Precisamos de termómetros... Agora, o material mais valioso seriam as pessoas de boa vontade... Só Deus sabe!

SEMANA SANTA — Foi uma semana em cheio! Desde um baptizado realizado em Domingo de Ramos. E isto com a particularidade de ser participado em duas línguas diferentes; o Francês e o Português exprimiram em frases cantadas ou rezadas o alto significado das cerimónias vividas. Depois, nem a chuva que caía reprimiu o desejo de confraternização.

Deus não queria que fôssemos só nós e por isso veio buscar nessa semana três Irmãos para a outra Vida. Dois no princípio da semana e outro no sábado. E tudo isto a juntar à gripe que obrigou um grande número a estar em Domingo de Páscoa não com bolos ou amêndoas mas com variadíssimos medicamentos!

Preparação de Páscoa tão intensiva, a poucas tenho assistido. De uma forma tão viva e fatigante, nunca! Aonde as horas de comer e dormir

não tiveram o controle desejado e normal noutras ocasiões. Ele lá sabe porquê! Já que muita gente continua a não querer saber o significado dos antecedentes da Páscoa do Senhor. Só para haver mais uns dias de folga... para se comerem doçarias... visitar famílias a aldeias ou vilas onde nasceram... só para isso?

Será passar pelo alto significado que representa a Páscoa e semana antecedente, como quem passa por um túnel, e não compreender o alto valor espiritual e social da Morte e Ressurreição de Cristo.

Deus é o mesmo de ontem e de hoje. Amigo: se viveste bem a Páscoa no dia próprio, desejamos que a estejas a viver ainda hoje com mais intensidade. Só assim vale a pena comemorar a Semana Santa e a Páscoa!

Manuel Simões

Paço de Sousa

FESTAS — Terminaram as Festas. E, com elas, o cansaço e a preguiça para sair da cama, de manhã.

Sem dúvida nenhuma que todos deveriam estar ansiosos pelo fim. Eram noites a trabalhar, a viajar; enfim, noites sem dormir!

Tudo isto requeria esforço e trabalho por parte dos nossos rapazes festeiros, não deixando de falar também naquelas noites em Monção, Vila Real, etc., etc.

Só dores de cabeça!

Uma coisa é certa: os nossos amigos não deixaram de nos irem rever nos palcos.

Um obrigado aos músicos, em especial ao maestro Miguel de Oliveira, que tão bem se oferecem para as nossas Festas!

Obrigado a todos os colaboradores das nossas Festas!

FIM DE SEMANA DESPORTIVO

— Mais uma vez os nossos atletas fizeram uma brilhante figura numa prova que se realizou em Gondomar.

Não sei o que por lá se passou, e é pena, pois assim não poderíamos dar notícias pormenorizadas sobre o caso.

Sei que trouxeram duas taças e ainda vieram cheios de boa disposição.

Nestes últimos tempos temos feito umas brilhantes provas de atletismo e, em certa parte, provas de boa colaboração.

São mais duas taças para o nosso «stock».

Isto no que respeita ao atletismo.

Quanto ao futebol tenho a dar os meus parabéns a todos os nossos jogadores. E tenho razão para o fazer; senão vejamos:

Domingo, dia 24 de Abril, defrontámos um clube do Porto. Ganhámos por 6-1.

No primeiro tempo, o marcador estava a nosso favor, 2-1. No final, a vitória era nossa por larga margem: 6-1.

Somos «aquela máquina»!

Segunda-feira, 25 de Abril, disputa duma taça com um grupo de Parada. Demos uma certa quantia, eles outra, a fim de comprarmos a taça. Ora, como nós, quando nos cheira a taças não nos escapam, limpámos o jogo

que foi um regalo! Assim, ela veio parar às nossas mãos. E não acham que foi bem merecida? Pois se lhes espetámos 7-3!

Também cabe agradecer aos marcadores de ambos os jogos: Sérgio, Maciel, Miguel, Celso, Gonzaga, «Kadet», Manuel e Escalera.

O ânimo apareceu e ainda bem. Até os nossos mais pequenitos entram dentro do campo com a alegria própria das suas idades para irem abraçar o marcador!

Assim, sim; respeito, alegria e simpatia por aqueles que estão a encher cada vez mais o nosso «stock» de taças.

25 DE ABRIL — Quanto ao 25 de Abril eu vou contar um caso que se passou entre mim e o Neves, que já é um rapazinho que anda na 3.ª classe e tem 12 anos.

Um dia, ao acaso, o Neves abeira-se de mim e pergunta-me porque é que uns iam lá fora e ele não. Estava nos seus belos dias, pois decerto.

Eu, perante uma pergunta destas e sentindo-me afectado, penso e digo que uns vão lá fora porque são mais velhos e já ganham.

Mas, mesmo assim não convencido, torna a dizer que não percebe porque é isso e que os mais novos são mais infelizes, etc. Vê-se mesmo que estava nos dias dele.

Procuro a solução e digo-lhe que os mais pequenos não são os mais infelizes; mas, para poderem ir lá

fora, terão de se portar bem na escola, cumprir sempre os deveres para com os chefes, etc., etc.

«ATALAIA» — Rapaz esperto e ladino, trabalha nos galinheiros com o «Rouxinol», que fugiu. Por isso, ele agora é que tem de tratar sózinho todas as nossas galinhas, que nos estão a dar carne para as refeições.

O «Atalaia» gosta de ter sempre tudo bem arranjadinho. Outro dia convidou-me a visitar os novos galinheiros, que ainda não tinha visto, e lá estava tudo muito bem arranjadinho.

Continua assim, «Atalaia»; e tenho a certeza que ninguém se aborrecerá contigo.

CASAMENTO — No dia 17 de Abril, casou o nosso Luís com a Matilde.

A Missa foi por volta das 12 h., em nossa Capela.

O problema de todos os anteriores casamentos tem sido a hora de chegada dos noivos. Marca-se uma hora e, em geral, a noiva aparece sempre mais tarde. Por acaso, desta vez, foram mesmo pontuais!

Terminada a Missa e o casamento, dirigimo-nos ao refeitório onde se celebrou a «boda casamenteira». Houve poucos convidados. Não faltou alegria, pois nunca falta quando casa um irmão nosso.

Felicidades para os dois!

«Marcelino»

As nossas edições

● «As minhas desculpas por só hoje acusar recepção do livro PÃO DOS POBRES.

No entanto, quero dizer-vos que li religiosamente o livro e pena é que todas as obras de Pai Américo não façam parte das bibliotecas de todas as famílias portuguesas, bem como das Escolas.»

● «Continuo a ler, com muito interesse, o precioso jornal O GAIATO, cada vez mais actualizado e necessário neste mundo conturbado.

Sou o assinante 27058 e fui proposto por um homem que não era religioso, mas um homem bom, cheio de qualidades; bom chefe de família, bom cidadão, inspector da CP.

Isto bem prova que a Obra do Padre Américo congrega muita gente. Mas esse homem extraordinário não se limitou a inscrever-me assinante de O GAIATO. Ensinou-me também a lê-lo. Dentro do possível, tenho seguido a sua lição e exemplo.

Esta leitura — e a dos livros do Padre Américo — devia começar pelas Escolas, onde os professores teriam casos concretos como temas de lições da vida quotidiana, e continuar nos lares onde se ignoram ou procuram ignorar as realidades que nós temos e descuramos.

Esta leitura obriga, muitas vezes, a mudar de rumo ou pelo menos a parar.»

● «Os meus agradecimentos pelos três volumes — ISTO É A CASA DO GAIATO (2) e OBRA DA RUA — que tiveram a gentileza de me enviar.

Comecei já a fazer, na Escola, uns minutos de leitura do primeiro volume ISTO É A CASA DO GAIATO. Os meus alunos mostram-se verdadeiramente encantados e até um pouco surpreendidos, tanto pela linguagem tão pura e acessível como ainda pelos ensinamentos que se colhem a cada passo. Permita Deus que os recordem e pratiquem durante toda a sua vida.»

Lar Operário em Lamego

Fui encarregado pelos superiores de visitar uma povoação aqui perto da cidade. É a mesma que precisa duma sala abrigo para as crianças tomarem as refeições. É fácil dar conta dos que sofrem, e ouvir os seus gemidos, quando apuramos os ouvidos, debruçando-nos com interesse sobre as carências deles. Quem passa de largo não dá fé. Quem anda atarefado somente com os problemas pessoais, afirma que os Pobres já não existem. Quem tem ordenados e Caixa de Previdência e abonos de família, julga que todos estão nas mesmas condições. Ora isto não é verdade.

No Sábado Santo encontrei o Januário, com 62 anos de idade muito gastos, com respiração nada normal, que nessa

manhã tinha saído do Hospital. Parei junto dele e quis saber. É esmola dar atenção a quem a não recebe de ninguém. O Januário disse-me que estivera internado, mas por causa da Páscoa muitos doentes tiveram alta. A enfermeira deu ordens para que ele, agora um pouco melhor, fosse passar a Páscoa a casa. «Mas... sr. Padre, eu não tenho casa, nem família e vou dormir na rua. Onde será a minha Páscoa?! Antes queria ficar no Hospital.» Assim falou o Januário. Eu não sei se o leitor teria palavras para responder; eu não tive. Fiquei calado. E através dum turbilhão de ideias desalinhas, e duma série de propósitos que fazia e desfazia no meu íntimo, parecia-me

ouvir já o repicar dos sinos a anunciar Aleluias Pascais. Que alegria levariam esses sons ao Januário?! Seria possível que O Senhor Ressuscitado se tivesse esquecido dele, quando em tempos afirmara que nem às aves do céu faltava alimento, nem às raposas tocas para descansar?! Fixei o Januário para ver a revolta que lhe ia na alma, mas enganei-me. Estava muito sereno e com um sorriso de bondade. Fiquei ainda mais desconcertado. Apesar de tudo parecia que ele ia ter Páscoa. E sem saber como, nem para onde, apertei-lhe a mão e disse-lhe: amanhã levo-o comigo,

pois agora tenho de sair. É fácil adivinhar que, de noite, vezes sem conta, acordava a querer saber onde estaria àquela hora o Januário.

De regresso, pelas 10 h. da noite, os faróis do carro iluminaram um vulto deitado num banco da estrada. Era ele, o Januário. Trouxe-o e já tem cama; e já foi outra vez ao médico; e já tem dieta; e já se compraram os medicamentos. Hoje não posso pedir nada para o Januário porque ele diz que está feliz. O teu dinheiro, se tiveres vontade de mandar, só é preciso para o Januário ficar a saber que tu também o amas, mesmo sem o conheceres.

Por aqueles dias o correio trouxe um cheque de 500\$00 e outro de 1.400\$00 que endeecei ao Januário, ficando con-

vencido que era o Pai do Céu a dizer que os homens não podem ser esquecidos porque são mais que avesinhas.

Eu e tu, querido leitor, teremos de continuar as nossas caminhadas àquela terra cujos habitantes pedem grande atenção. Não quero falar-te de todas as suas carências para não me chamares louco, ao pensar resolvê-las. Hoje somente te digo que ainda lá está o António Cesteira à nossa espera, pois vive só, sem nada e sem ninguém.

E com estas coisas até parece que o Lar de S. Domingos vai ficando para segundo plano. Não é verdade. Cada caso tem o seu valor e nós temos de estar presentes onde a necessidade é maior.

Padre Duarte

BIOGRAFIA

Várias vezes nos chegaram do programa que a TV emitiu sobre o Pai Américo. Todas muito contentes por terem visto o écran ocupado com um tema tão digno; algumas tristes pelo tratamento que lhe deram. Estamos com uns e com outros.

Podemos testemunhar, pelas conversas prévias em que participámos, da preocupação havida de seriedade. A aceitação pelo sr. P.e Dr. Avelino Soares de aparecer e falar foi só por si uma garantia. E para nós uma recordação preciosa, de um grande Amigo de Pai Américo e de nós todos, com quem partilhou, desde que a Obra existe, as suas horas boas e más. Sua palavra, a que os quase noventa anos não roubaram fluência e vibração, foi um dos grandes dados do programa.

Pena que as imagens não correspondessem, nada elucidando quer dos lugares ligados à infância de Pai Américo, quer da Obra que criou; perdendo tempo e metros de película com a pobre e inútil simulação do desastre que foi a causa próxima do fim do biografado, que não de modo algum centro de interesse da sua vida.

Não foi despendida a iniciativa — cremos. Mas pensamos que não desquita a Televisão de novas abordagens da personalidade de Pai Américo, que não é complexa mas multimoda e por isso impossível de esgotar de uma só vez.

Oxalá não desistam de tal os Serviços de Produção e seja mais feliz a próxima realização.

Padre Carlos

Uma CARTA

Cont. da 1.ª pág.

seu esforço. E na verdade, com muitos altos e baixos, não sofremos complexo de parasitismo em relação à sociedade maior que integramos; antes temos razões sólidas para nos pensarmos uma célula saudável «a cimentar a própria democracia política». Mas quanto desgaste importa esta obra de mentalização!

Porém, o que mais me impressiona nesta carta tão sóbria quão discreto é o gesto ofertorial que ela acompanha, é o acto de fé do nosso correspondente: «Não conheço directamente nem bem a Obra da Rua. No entanto, a simples observação e o testemunho de pessoas amigas convencem-me

de que é uma Obra que vale a pena».

Acto de fé — não de sentimentalismo. A simples observação e um testemunho fidedigno tornam crível a Obra que afinal o autor da carta talvez conheça melhor que outros que julgam conhecê-la bem.

Pois aqui fica um convite a que a conheça directamente e o melhor que puder: vir ver-nos. «Somos a porta aberta.» É só entrar.

E que Deus nos ajude a receber esta confiança e tantas, tantas outras provas dela, de que só Ele pode ser o verdadeiro Responsável.

Padre Carlos

Partilhando

O Sérgio está a meu lado a tocar viola. O som sai sem «posições» nenhuma. Só sabe a de dó e foi o Miguel que lhe ensinou. Mas vai procurando mais «posições» e quando tiver uma posição melhor, quer comprar uma viola. O bom mestre é o que sabe motivar... E os sonhos nascem assim, pequenos que nem um dó! Para

crianças, precisam de ajuda. Ajuda que é preciso pedir. Pedir e exigir que os sonhos não morram, é um direito — uma obrigação! Pode não haver outra maneira de se sonhar, realizando... Entreaajuda e coragem. E se falta a mão de quem pode e deve dar incentivo, como tudo pode morrer para quem dá os primeiros passos na vio-

la ou na vida! Qualquer ajuda passa ou deve passar pelo encontro real entre os Homens. Hoje, é já difícil «parar» para se pensar! E julgar e corrigir e ajudar. Aceitemos este pecado bem mortal, se é que o queremos ultrapassar.

Ontem foi 25 de Abril. O dia da mudança e da liberdade! E de muitas coisas mais... É que não se pode viver a Liberdade sem a compreender interiormente, nem praticar a libertação sem correr o risco da consciencialização que nos há-de desamarar do egoísmo, abrindo-nos aos Outros com mais ou menos lucidez, para atingirmos Deus neles.

Alguns dos nossos casais foram passar o dia em convívio no monte de Calves. A partida foi logo de manhã. Serafim ao volante do tractor e o atrelado sem mais lugares vagos. Transporte «proletário».

Ao almoço, os tachos de arroz, os petiscos, os doces, o vinho, já tinham perdido a marca de propriedade particular. Almoço «socialista», ou cristão, como queiram chamar-lhe. A meio da tarde, as crianças criaram e organizaram um espectáculo «ad hoc», com apresentação, canções, discursos, circo e leilão de uma garrafa de vinho branco, cujo valor em dinheiro, bem explorado pela pequenada, foi distribuído por igual, em rebuçados e chocolates. Muita alegria e naturalidade. Poesia ao vivo. Oportunidade e lugar para todos. Capacidade de organização e poder criador. Mais uma lição que as crianças quiseram dar aos adultos neste 25 de Abril.

Ainda não é tarde demais para aprendermos com elas... E que estes momentos de encontro não aconteçam de ânimo leve, porque são tão importantes como o essencial da vida! Há quatro meses atrás, outro «25» mais antigo e mais novo se festejou. Saibamos uni-los para que o Bem e a Liberdade possam viver de mãos dadas!

Padre Moura

A criança e o adulto

Encostado ao arco de pedra que dá entrada para as nossas escolas o «Pélé» descansa. Com um ar um tanto ou quanto descuidado e o olhar sereno ele está...

É uma criança a quem a vida já fez sofrer. Talvez não tenha plena consciência desse sofrimento, mas não foi em vão que ele aconteceu. Deixou as suas marcas. Marcas que não se podem medir, mas que só serão atenuadas se o «Pélé» for carinhoso e constantemente convidado à Paz e ao Bem.

É uma criança como milhões de outras que vivem neste nosso mundo, aptas a receber o que os adultos lhe oferecem. É um símbolo de responsabilidade para todos nós. E responsabilidade dolorosa na medida em que todos sabemos que as crianças, na sua grande parte, não recebem aquilo a que têm direito. E na medida em que, quer o reconheçamos ou não, isso acontece por culpa de todos nós.

Olhemos o «Pélé» e metamos a mão na nossa consciência, pedindo a Deus que nos dê luz e força para tornarmos o amor vivo e operante neste nosso Mundo, para que todas as crianças sejam mais felizes e nos seus corações reine a

Paz, a bondade e a segurança...

Padre Abel



O «Pelé»

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Cont. da 1.ª pág.

120.000\$. E pior ainda é a situação etária do chefe-de-família, a rondar, de caminho, pelos 60 anos; a situação económica — só ele a ganhar os seus 4.800\$, e o filho mais velho somente com 13 anos, bem longe ainda de vir ajudar substancialmente o agregado familiar, demais atingido por doenças que diminuem a personalidade.

O homem alimenta esperanças de ver um dia a dívida saldada, mas eu vejo o futuro muito duvidoso e disse-lhe que, atendendo à sua situação económica familiar, impunha-se que parasse com as obras. Demais a casa está dividida, já aquela dívida não meteria medo a um jovem lar de operários, ambos a ganhar. Mas assim, não. O pagamento dos juros comer-lhe-á as suas economias, magras economias; e continuará de pé os 120 contos.

Os lavradores deram-lhe a madeira. Alguém emprestou-lhe parte do capital e, no primeiro ano, perdoar-lhe-á os juros. Estas as ajudas. O homem tem a corda ao pescoço e não a sente, de contente por estar na sua casinha. Deus queira que qualquer dia a velhice e as doenças não tombem sobre este frágil telhado de lusalite, passando para as mãos doutro senhor, por este pobre de Cristo não ter podido realizar as suas esperanças.

Nada nos pediu. A nossa Conferência Vicentina ajudou com sacos de cimento. Agora, para que este nosso irmão continue a ser homem de esperanças, passo eu a ser homem de mão estendida para ele. A Casa do Gaiato, pois, não venho mendigar para o «chapéu», mas para que os 120 não se transformem numa corda que, dentro de algum tempo, garrote uma família.»

Já foi para este lar uma ajuda um pouco mais choruda que o costume. Mas poderemos ficar por aqui? Não teremos de voltar de novo a dar um empurrão para que se não perca uma vez mais o bem conseguido?

Este é um caso nítido de justiça social — como todos afinal! Mas que é dela? Onde se vê aquele órgão vital da coisa pública a que recorrer

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

os filhos. Tudo dito com muita convicção e com muita tristeza.

Quando me encontrei com aquele casal, recebi este seu desabaço. Um e outro tinham olhos de lágrimas. Que abismados eles estavam com o desabaço do pequenito de sete anos!

O «Lita» fez uma pequenina peça de teatro para as nossas Festas deste ano. Na peça aparecem alguns atropelos à vida humana, especialmente à vida da criança e do jovem. Aparecem alguns pecados sociais e aparecem também retalhos de vidas.

No fim fica-nos o sabor delicioso do homem humilde que procura a perfeição e fica-nos a presença extraordinariamente maravilhosa de Cristo que quer libertar todos os homens.

O desabaço triste e inquieto deste nosso filho de sete anos continua a apontar-nos caminhos de libertação que apaixonaram. Pai Américo ao aceitar ser pai desta grande família e a encorajar-nos na nossa paternidade.

Padre Horácio

eficazmente, em problemas semelhantes?

E agora mais interrogação pela pena de uma Vicentina da Ilha da Madeira, a quem os oitenta e tantos anos ainda não roubaram a acuidade de vista para reparar nos outros nem a fortaleza de coração para que se não fique diante dos seus sofrimentos.

«O Gaiato» nunca mais trouxe aquela feliz frase «Agora» e esta avó continua neste planeta a perseguir os bons, para acudir aos que lhe batem à porta.

Desta vez eu não peço nada, só venho deixar ao seu entendimento e razão, o que devo fazer.

A casa começada com o nosso dinheiro, e da Junta Geral, continua parada, e os pobres donos, em palheiro a cair, que faz pena! Tenho a certeza que se não formos nós a lhe acudir, tarde e mal será o seu acabamento.

Uma pobre que vive sózinha, doente, a quem chovia em cima da cama, arranjámos-lhe a casa há anos. Agora cafu-lhe a cozinha! Faz a comida dentro do quarto junto à cama e fecha a porta para as vizinhas «não meterem lá o nariz!» Coitada! Não pensa que nem cheiro têm os seus magros manjares! Para fazer uma cozinha de blocos e telhado onde só caiba uma lareira alta, a panela e a cozinheira quanto será preciso?!

Destes dois casos, a quem se deve acudir primeiro?!

Quando eu morrer não tenho pena, é menos uma a perseguir-lo também.»

Aqui está uma disjuntiva difícil: «A quem se deve acudir primeiro?»

A quem achar a resposta, agradece-se no-la comunique.

Padre Carlos

FESTAS

ZONA CENTRO

- 7 de Maio — Casa do Povo — MIRA
- 9 » » — Teatro-Cine — COVILHÃ
- 10 » » — Cinema Gardunha — FUNDÃO
- 11 » » — Cine-Teatro Avenida CASTELO BRANCO
- 14 » » — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE
- 16 » » — Teatro Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ
- 19 » » — Cine-Teatro Messias MEALHADA
- 26 » » — Teatro José Lúcio da Silva LEIRIA
- 27 » » — Império Cine-Teatro — LOUSÃ
- 29 » » — Teatro Alves Coelho ARGANIL

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas

Calvário

Por paradoxal que pareça, o homem que vive debruçado sobre si mesmo na contemplação de seus predicados, nem sempre de grande monta, ou na busca constante do agrado alheio, nunca se conhece na verdade. O culto de si mesmo torna o homem um ser estático que se auto atrofia.

Isto tenho constatado inúmeras vezes em doentes que chegam. Porque são realmente doentes, alguns passam os dias a lamentar dolentemente o mal que os feriu. Outros mendigando compaixão, ajuda, interesse pela sua pessoa. Nisto consomem as horas e os dias de viver. E nesta letargia matam possibilidades, estímulos capacidades, tornam-se infelizes.

Ora, é outra vez paradoxal, que o homem se conhece calbamente na medida em que se esquece de si próprio para se empenhar nas preocupações e necessidades alheias. Por isso mesmo um doente, ou todo aquele que pena, havia de ter sempre a seu lado alguém mais carecido. Porque então dispunha de apelo forte para se esquecer, na medida em que outro lhe solicitava amparo, lhe pedia que lhe desse quanto ainda tinha de válido para render.

Talvez seja esta a circunstância que leva tantos doentes a transformarem-se passando de inválidos a pessoas tantas vezes bem úteis. Porque quando o incapacitado total ou anormal profundo lhes pede ajuda, fá-los sair da inutilidade para se tornarem ajudas preciosas.

O Dinis veio de muletas. Não as largava com fundado receio de cair. Sofre de paralisia progressiva. Tendo chegado, tudo mirava. Mas pouco a pouco foi descobrindo que muitos são ainda mais carecidos, pois não saem da cama, nem nela se sentam, dada a invalidez. E começou a ouvir o apelo de muitos: «chega-me um copo de água», «dá-me a mão que não posso sentar-me». E hoje, muletas! Oh canadianas! Estão arrumadas não sei onde. Ele dá de comer. Ele lava a louça. Ele ajuda nos jardins. Ele está sempre pronto. Não imagina que é mais doente.

Se os mais necessitados precisam de nós, talvez nós precisemos mais deles.

Vamos a descobri-los para não envelhecemos depressa, nem cairmos tão cedo como enfermos numa cama.

Padre Baptista

Porte pago

Assim reza no cabeçalho do jornal, desde há meses. É um título precário de auxílio à Imprensa, que está para ser decidido definitivamente, há perto de dois anos e não há meio de passar do provisório. Dão-nos uma credencial a curto prazo. Este caducado, renova-se o pedido e sempre tem sido necessário ir e ir é ir, antes que chegue nova credencial.

Agora são já dois números de que temos de pagar a expedição.

Insiste-se no Porto.

É com Lisboa.

Pergunta-se em Lisboa.

Está aí um monte de pedidos para despacho. Certamente o vosso lá estará... Paguem e depois requeiram a devolução da importância.

— E depois, primeiro que venha o dinheiro...? — retorquimos nós.

— Bem, sempre virá... Mais vale tarde do que nunca!

Entretanto sabemos de jornais que têm sido prontamente atendidos. Porquê uns e não todos?... Não queremos pensar em má-vontade, mas pelo menos emperro burocrático teremos de admitir que é.

Porém, o que mais choca é o desinteresse, a sobrançeria irónica com que se embrulha a resposta por trás do postigo da repartição. Exactamente como antes!

Onde afinal os novos tempos? O tão apregoado serviço do Povo?!

Padre Carlos



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa